



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**SILVIA REGINA PINHO DE BORTOLI
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-134

Entrevistado: Silvia Regina Pinho de Bortoli

Nascimento: 08/07/1969

Local da entrevista: Brasília/DF

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 26/05/2010

Transcrição: Grasiela Alves de Castro

Conferência Fidelidade: Silvana Vilodre Goellner

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 26:18 min

Páginas Digitadas: 12

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BORTOLI, Silvia Regina Pinho de. *Silvia Bortoli (depoimento, 2010)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Silvia fala sobre o início de seu envolvimento com o projeto 'Recreio nas férias'; sobre a edição piloto do projeto, a tentativa de regionalizar o projeto; o início do seu desenvolvimento com o Projeto Segundo Tempo (2005); número de edições do Recreio nas férias e suas temáticas; diversidade do processo de capacitação e sua grande abrangência no Brasil; conexões entre o projeto Recreio nas férias e o projeto Segundo Tempo; tema sobre valores olímpicos do projeto; situação dos convênios com os projetos; livro do projeto sobre meio ambiente; importância do projeto para as comunidades.

Brasília, 26 de maio de 2010, Entrevista com Sílvia de Pinho Bortoli, Coordenadora do Recreio nas Férias, a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, para o Projeto Memória do Segundo Tempo.

S.G. – Bom, Sílvia eu gostaria inicialmente de te perguntar como se deu o teu envolvimento com o Recreio nas Férias¹?

S.B. – Bom, é eu já trabalhava com o Segundo Tempo na Prefeitura de Guarulhos em São Paulo, onde se fazia um projeto similar, um projeto de atendimento a crianças no período de férias, com outros nomes, enfim, cada um com a sua peculiaridade, mas era um projeto que atendia crianças nas férias, quando eu vim para o Ministério²...

S.G. – Em 2006?

S.B. – Em 2007, o Secretário Júlio³ veio para cá, e fez o convite já visando que eu cuidasse... da gente tenta implantar isso nacionalmente, para as crianças e para o programa Segundo Tempo, então, quando recebi o convite eu já recebi meio com essa missão.

S.G. – Com a missão se projeta o Recreio para o nível nacional.

S.B. – Isso. E aí a gente fez uma edição piloto, onde a gente meio que testou como é que tudo isso iria funcionar, a logística, a parte pedagógica toda. Nessa edição piloto, a gente atendeu aproximadamente 105 mil crianças. E a gente percebeu que tinha uma aceitação incrível e as entidades que a gente não convidou, passaram a nos procurar, porque queriam fazer. Nessa edição piloto, a gente procurou fazer uma pesquisa, acompanhar de perto e tentar ver qual seria o resultado disso para criança, para quem trabalhou, para quem organizou: de ponta a ponta, desde daqui do Ministério até a criança lá na ponta. O resultado foi muito bom, todo mundo ficou muito satisfeito de trabalhar com o projeto, e as crianças mais ainda de receberem as atividades. Isso é uma coisa que é muito marcante no

1 Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

² Ministério do Esporte

projeto, é que ele respeita muito as características locais, então, isso faz com que as pessoas gostem de trabalhar com o Recreio, porque eles sabem que eles têm liberdade de fazer as coisas do jeito que é bom para cada convênio específico.

S.G. – Isso naquela grade de programação da semana, eles conseguem ali ter uma liberdade pra pensar numa programação regional...

S.B. – Exato! Então, por exemplo, nas atividades culturais, isso fica muito explícito, como é bem diferente de um convênio para outro, de um Estado para o outro... É gritante o tipo de atividade cultural que é oferecido num lugar e o tipo de atividade cultural que é oferecido em outro e, mesmo os passeios, tem convênios que são mais nos centros das cidades, então, eles fazem passeios em museus, no cinema, e tem criança que foi passear na praia...

S.G. – E que nunca tinha visto a praia.

S.B. – Apesar de morar numa cidade que tem praia, não tem acesso a praia, porque mora num bairro distante, então, isso é muito legal no projeto também.

S.G. – Tu falaste que tu já atuava no Segundo Tempo em Guarulhos, então, desde quando é o teu envolvimento com o Segundo Tempo?

S.B. – Meu envolvimento com o Segundo Tempo vem do início de 2005.

S.G. – Então já tem um tempo.

S.B. – Já, eu sou professora concursada de Guarulhos e aí no início de 2005, no início da Gestão, Secretário de Esporte e lazer do Secretário Júlio, quando ele pensou em colocar o Programa Segundo Tempo, eu fiz parte da equipe que planejou, que construiu, que elaborou o projeto, para que a gente conseguisse, depois de um ano, implementar o Segundo Tempo em Guarulhos. Depois do Segundo Tempo implementado lá tinha outro

³ Júlio Cesar Monzú Filgueira. Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte no período de maio de 2007 a outubro de 2009

departamento com projeto de férias que era Departamento de Lazer, mas o envolvimento com o Segundo Tempo, é anterior a essa atividade do Recreio.

S.G. – Dá pra dizer que o Recreio se gesta dentro do projeto do Segundo Tempo?

S.B. – Dentro do Segundo Tempo mesmo.

S.G. – É uma proposta para um outro tempo, que não aos das atividades regulares. Quantas edições já teve do Recreio ao nível nacional?

S.B. – Nós estamos indo para terceira edição.

S.G. – Todas elas tiveram temáticas?

S.B. – Todas elas tiveram temáticas, a primeira que foi o piloto, teve o meio ambiente, quando a gente fez a segunda edição, a gente percebeu que era um tema que ainda dava para se explorado, então a gente resolveu manter, as entidades aprovaram, gostaram, da gente ter mantido o tema, e agora nós estamos tentando mudar o tema para a terceira edição.

S.G. – Certo. Uma coisa que eu tenho acompanhado, e que tenho achado muito positivo foi o processo de capacitação, acho que o Recreio dentro do Segundo Tempo, inaugurou uma série de possibilidades que não estavam colocadas antes: o vídeo⁴, aquela capacitação tele-presencial que se fez em 2009.

S.B. – É porque o Recreio como ele é uma célula dentro do Segundo Tempo, a gente consegue experimentar coisas novas, relacionadas ao Recreio que a gente não conseguiria fazer no total do Segundo Tempo. Afinal, o Segundo Tempo deva estar atendendo por volta de oitocentas mil crianças; a gente tem uma meta de atender nessa edição mais ou

⁴ Recreio nas Férias: Capacitação. DVD produzido em 2009 contemplando os seguintes temas: Reconhecimento do Direito ao Lazer; O que é o “Recreio nas Férias”; Conteúdos Culturais do Lazer; Questões de Gênero; Deficiência; Planejando o “Recreio nas Férias”; Aspectos Metodológicos para as Ações; Tema Gerador: Meio Ambiente.

menos duzentas mil crianças na terceira edição. Então a gente consegue experimentar coisas, ele é um Segundo Tempo pequeno e isso fez com a gente pudesse chegar mais perto da ponta na hora de capacitar... Na nossa primeira experiência, a gente trouxe as pessoas até aqui, e depois na segunda etapa, nós mandamos uma pessoa daqui até a ponta para capacitar o coordenador. Depois nós percebemos que isso ia ser difícil, da gente reaplicar por conta do Segundo Tempo inteiro, por conta do custo. Então nós começamos a pensar em um outro formato, foi aí que surgiu a idéia do vídeo. Hoje nós capacitamos os coordenadores dos convênios, sem precisar levar tanta gente, porque a gente tem o apoio da utilização do vídeo, e esses coordenadores, juntamente com o apoio do vídeo, eles fazem a capacitação dos seus monitores. O resultado tem sido bastante eficaz e eficiente, a gente percebe porque consegue enxergar na ponta, durante o Recreio, os efeitos da capacitação.

S.G. – Eu acho que consegue enxergar por outro lado pela referência que as pessoas fazem. Como eu circulo muito pelo Brasil com palestra, banca, etc, não são poucas as vezes que eu vi professores a seguinte fala “*vi e ouvi a senhora falar, porque eu vi no vídeo*”... do Recreio.

S.B. – Eu ouvi isso ontem da Leila Mirtes⁵.

S.G. – É impressionante como que isso teve uma abrangência, sabe o que eu tenho percebido Sílvia, não é só para quem trabalha no Segundo Tempo ou no Recreio nas Férias...

S.B. – Acaba que outras pessoas têm acesso.

S.G. – Porque essas discussões muitas das que se fazem no projeto, estão muito longe dos bancos das academias; grosso modo não faz esse tipo de discussão sobre gênero, sexualidade, e mesmo o lazer, é muitas vezes muito pouco discutido. Então esses temas têm mobilizado os alunos também a procurarem a gente, por conta ter ouvido falar naquele vídeo e etc.

⁵ Leila Mirtes de Magalhães Pinto. Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer. Ministério do Esporte

S.B. – Que legal.

S.G. – Isso pra mim tem sido surpreendente porque recebo vários e-mails com: “*eu vi o vídeo, gostaria de saber mais sobre isso, bibliografia e tal*”. Então eu percebi que o Recreio pega um contingente um pouco diferente do projeto Segundo Tempo, porque está trabalhando também no período das férias, e são muitos estudantes da Educação Física que acabaram se envolvendo.

S.B. – A gente contrata um contingente temporário grande, bastante significativo, porque a gente trabalha com quem já é do Segundo Tempo, mas a gente dá um reforço. Em cada núcleo a gente manda duas pessoas a mais, então, isso quando você fala de Brasil inteiro...

S.G. – Sim é um contingente imenso.

S.B. – E essas pessoas não necessariamente são ligadas o tempo todo no Recreio...

S.G. – No Segundo Tempo.

S.B. – No Segundo Tempo, mas eles são ligados a uma universidade, eles são ligados a uma faculdade, então...

S.G. – E isso tem ampliado... Desde que começou o Recreio, o que tu percebes que melhorou, o que poderia a melhorar ainda mais: a questão de infra-estrutura, os convênios?

S.B. – Eu acho que o nosso processo interno está melhor, também por ser a terceira edição, a gente foi aprendendo, eu acho que o controle, o acompanhamento, ele está sendo mais bem feito e bem registrado.

S.G. – Isso eu tenho percebido porque eu estou acompanhado um pouco.

S.B. – A gente consegue acompanhar todos os convênios com instrumentos que nos permitem depois saber exatamente o que aconteceu naquele convênio. Então a gente está fazendo um acompanhamento muito de perto do Recreio, e isso é importante! Eu acho que a questão do material é muito importante, a gente consegue com o Recreio fazer chegar na ponta um material que normalmente eles não tem acesso, nem quando trabalham a parte da Educação Física específica das atividades esportivas. E mesmo quando trabalham dentro de uma escola, às vezes as crianças não têm acesso a tesoura, lápis, cola, canetinha, pincel, tinta, então, esse material ele é usado no Recreio, mas ele fica no núcleo e isso qualifica bastante as atividades. Acho que isso é bem importante também, porque a gente conseguiu criar um kit, que atende as necessidades do Recreio e ainda fica para que eles possam usar o resto do ano.

S.G – Sílvia como seu deu essa discussão de trabalhar com o tema dos valores olímpicos que acho que é a próxima temática, pensando na Copa, nas Olimpíadas, como vocês estão pensando?

S.B. – A gente ficou buscando um tema e chegamos a discutir a Copa como tema, mas a gente achou que valores olímpicos era mais amplo e que a gente poderia explorar melhor. Então nós temos a questão da Copa, temos a questão da Olimpíada, mas a gente acha que a discussão dos valores olímpicos dentro do Programa Segundo Tempo ela é bastante significativa e é importante que a gente comece dentro de um projeto de férias, diferenciado que estimula bastante que os professores trabalhem esse tema E estimule também as crianças. Assim, a gente achou que valores olímpicos era um tema bem amplo, que a gente podia trabalhar em várias vertentes e ajudar também a essa questão de respeitar as peculiaridades de cada comunidade, porque não é um tema fechadinho, pequenininho que todo mundo vai ter que fazer igual: dá para você trabalhar valores olímpicos de várias maneiras.

S.G. – De diferentes maneiras, e mais tendo material para subsidiar essa discussão, a proposta do livro, de uma apostila, do material pedagógico.

S.B. – Isso é muito importante, porque não basta a gente dizer ou sugerir um tema.

S.G. – Porque cada um pode interpretar esse tema e fugir da perspectiva do projeto.

S.B. – A gente precisa dar o material onde ele perceba a aderência desse tema, as diretrizes do Programa Segundo Tempo, então, por isso que é importante esse material que a gente prepara, e que a gente oferece na época do Recreio e que funciona mais ou menos como material físico esportivo: ele fica no espaço onde acontece o Recreio e acaba influenciando nas atividades regulares do Programa Segundo Tempo.

S.G. – Como que foi a construção daquele livro que tem como tema gerador o meio ambiente⁶, porque ele tem uma discussão bastante interessante, tem uma discussão teórica e tem uma discussão de aplicabilidade prática que acho que às vezes a preocupação que acho que é importante que o projeto tenha, exatamente como desdobrar isso em atividade que a gente possa fazer?

S.B. – A gente percebe no contato com os monitores, que mesmo os que estão saindo da faculdade ou que acabaram de sair, que existe uma carência de repertório, eles as vezes tem a teoria, mas foram... são pessoas com pouca experiência prática, então, a gente percebeu que não bastava dar o apoio teórico, era importante a gente fazer essa relação: como é que eu transformo isso numa brincadeira, como é que eu transformo tudo isso que vocês falaram na brincadeira lá para o meu aluno achar divertido e curtir fazer! A gente achou importante ter isso no livro e a nossa ideia, desde do começo, foi que pudéssemos fazer a discussão teórica e ligá-la a um capítulo onde eles pudessem ter sugestões de atividades: não é receita de bolo, ninguém é obrigado a fazer aquilo, mas a gente acha importante que eles tenham subsídios. Se eles precisarem desse apoio eles tem no material que a gente está mandando. É o que a gente pretende fazer agora no novo tema, trabalhar as questões, contextualizar, trabalhar a teoria, mas manter esse caráter de ter um capítulo que fale da prática.

S.G. – E vocês têm retorno dos monitores quando eles olham esse material, quando eles olham o vídeo, tem chegado até aqui algum retorno tipo: “*bom isso me ajudou um monte,*

⁶ Recreio nas Férias: reconhecimento do direito ao lazer. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Giuliano Gomes de Assis Pimentel. Publicado pela Editora da UEM em 2009.

isso não me ajudou”. Como tem sido essa repercussão, esse impacto que esse material pedagógico tem causado ?

S.B. – É bastante grande, a gente percebe que ele faz diferença sim lá na ponta, quando a gente termina o Recreio a gente recolhe uma série de formulários e questionários, onde a gente consegue ter acesso a opinião dos monitores e dos Coordenadores de Núcleo além do Coordenador do Convênio. A gente pergunta: como é que foi a capacitação, se ela foi suficiente, se ela não foi, como é que isso impactou na prática dele e a gente percebe que é bastante significativo, eles gostam bastante. Essa última experiência do vídeo, eles acharam que foi muito legal, que foi bastante importante, eles acharam que facilitou bastante na hora de planejar as atividades, eles terem passado pelo processo de capacitação.

S.G. – Deixa eu te perguntar, o que tu vê de possibilidades do Recreio daqui para frente?

S.B. – A nossa expectativa é que a gente conseguisse ampliar gradativamente e que pudesse oferecer o Recreio para todas as crianças do Programa Segundo Tempo. Porém, tem uma particularidade, pois a gente acha que essa participação tem que ser voluntária não obrigando que os convênios façam o Recreio. Há uma demonstração disso: quando a gente faz a chamada pública há sempre mais interessados, do que a gente pode atender. Isso tem persistido e a gente espera que, aos poucos, esse projeto vá se firmando na comunidade, vá sendo reconhecido para que se possa ter um aumento de recursos orçamentários, para conseguir ampliar cada edição até que a gente consiga oferecer para todos.

S.G. – Em média quantos convênios atendem por edição?

S.B. – Varia um pouco, porque eu tenho convênios que são pequenos e convênios que são grandes. Por exemplo, na primeira edição a gente teve vinte e cinco entidades, na segunda foram oito entidades, e a agora a gente está iniciando o processo para trabalhar com vinte entidades com um pouco menos de duzentas mil crianças.

S.G. – É bastante.

S.B. – Com oito entidades em janeiro, eu alcancei cento e cinco mil.

S.G. – Cento e cinco mil?

S.B. – É, depende muito do tamanho do convênio. Às vezes a gente trabalha com poucos convênios, mas que tem uma abrangência muito grande, que tem muito aluno, e as vezes você tem vários convênios pequenininhos.

S.G. – E vocês têm algum retorno dos pais das crianças que participam, os monitores falam sobre isso, porque tem o dia do passeio, eu sempre fico pensando, muitas vezes pode ter muito receio do passeio, uma semana de atividades completas, como que é sair do âmbito da escola?

S.B. – Olha o retorno que a gente tem é o da pesquisa que a gente fez na primeira edição. O retorno que eu posso dizer realmente ouvi: que os pais ficam muito tranquilos porque a criança tem uma semana... porque o que acontece é que muitos pais trabalham, e a criança está de férias, e isso é um problema para o pai, porque além dele pensar no meio período ele ainda tem que pensar no horário que a criança estava na escola. Então a gente percebe que para muito pais que isso é uma tranquilidade, pois eles falam “*porque o recreio não dura o mês inteiro de férias*”, nunca chegou na gente o peso dessa preocupação do passeio.

S.G. – Até porque acho que os Coordenadores do Núcleo são muito bem instrumentalizados para falar sobre o passeio. Eu lembro de umas das capacitações que eu participei, que havia todo o cuidado com o dia do passeio: se tem previsão de chuva ou se não tem, de assinar o documento...

S.B. – E a gente orienta assim, eles não podem fazer o passeio no primeiro dia.

S.G. – De ser exatamente na metade, mais ou menos na metade, que é para dar tempo deles agregar.

S.B. – Que é para dar tempo deles conhecerem a criança, deles saberem como é que é aquela comunidade e deles darem as orientações necessárias aos pais e as crianças. Então

eles não podem fazer o passeio no primeiro dia, essa é umas das diretrizes, que é para que eles tenham a oportunidade de se conhecer. Acho que isso talvez também ajuda bastante, eu não me lembro mesmo de ter tido essa experiência de um grupo de mães, uma mãe que teve receio de deixar a criança passear... Isso ainda não chegou na gente.

S.G. – Não há de chegar. Deixa eu te perguntar uma coisa Sílvia: o que tu acha mais importante no projeto Recreio... Se tu tivesse que dizer que importância esse projeto tem pra sociedade brasileira, ou pra Brasil, o que tu vislumbra?

S.B. – Eu acho que ele é importante para cada vez mais a gente consolidar a importância do lazer e do lúdico para criança, para o adolescente e para todo mundo. Mas a faixa que a gente alcança hoje é da criança e do adolescente. Eu acho que é um projeto que aos poucos está conseguindo um espaço dentro das comunidades, um espaço de brincar, um espaço de diversão, então, as entidades que estão fazendo pela terceira vez - eu tenho entidades que como estão com a gente desde o piloto - elas não conseguem mais não fazer o Recreio nas Férias. Às vezes por algum motivo ou por ela não atender a um determinado critério da chamada pública ela fica de fora e, mesmo sem receber os recursos do Ministério, a entidade faz com menos recursos, faz com menos possibilidade, mas ela faz, porque a comunidade já tem essa cobrança, já fica esperando essa atividade. Então eu acho que é importante porque ele está, aos poucos, abrindo espaço para isso. Porque nas férias, não basta não ir na escola, a gente tem que oferecer para as crianças oportunidades de conhecer atividades lúdicas e de fazer lazer também. Por isso eu acho que a questão do passeio é muito significativa porque dá oportunidades das crianças conhecerem espaços, que muitas vezes elas chegam na adolescência, na juventude sem terem tido a oportunidade de conhecer. Isso é bastante significativo, desde uma praia, até um museu ou um planetário... são espaços que às vezes as crianças chega aos dezesseis e dezessete sem nunca ter ido.

S.G. – E essa ideia do passeio sempre esteve presente no Recreio?

S.B. – Sempre esteve presente. Desde o começo a gente achava que tinha que ser um compromisso do parceiro, ele tem que fazer, tem coisas que ele não pode optar, então ele não pode *não* fazer o passeio... Ele não pode não fazer a atividade cultural, a gente negocia

várias coisas, mas isso a gente não negocia, e depois da primeira edição também, eles não pedem mais para negociar.

S.G. – Porque a atividade cultural pelo o que eu vi dos vídeos é onde aparecem as especificidades regionais, é impressionante assim, ver a diversidade que é o Brasil, como isso se manifesta ali.

S.B. – E também de fazer a comunidade se conhecer melhor, porque as vezes aquelas crianças assistem a um apresentação de um grupo de idosos, por exemplo, um grupo da terceira idade que se encontram semanalmente e que faz uma atividade e aquelas crianças nunca viram aquele grupo, nem sabiam que existiam, os pais não sabiam que existiam aquele grupo naquele bairro. Assim eles passam a saber da existência porque esse grupo se apresenta no Recreio, ou então, tem um grupo de dança, que o próprio bairro não sabia que existia, isso eu acho bem legal.

S.G. – E o que pude perceber é que há toda uma orientação que é não trabalhar aquela cultura banal que a mídia passa o tempo inteiro. Eles trabalham com as culturas regionais, o resgate de uma tradição e acho que tudo isso é muito positivo, porque às vezes pode ser perder no meio dessa superficialidade da informação, coloca um “bonde do tigrão”, qualquer coisa disso, a gente vai se “repicando”.

S.B. – Isso é importante na capacitação, porque a gente mostra para o coordenador que não queremos fazer por fazer. A gente quer que aquilo tenha um significado dentro daquela comunidade para aquelas crianças... Claro que existem convênios que executam melhor, existem convênios que executam pior, isso vai ter sempre, mas a gente percebe que eles se esforçam bastante pra alcançar esse nível de qualidade.

S.G. – Sílvia, pensando no projeto de memória, tem alguma coisa que tu achas que é importante lembrar do Programa, alguma coisa que eu não tenha te perguntado?

S.B. – Não, acho que não.

S.G. – Tu acha que é importante preservar a memória do Programa [riso]?

S.B. – Acho que é importante preservar, porque é um serviço público, então, a gente nunca sabe de verdade o quanto de continuidade que isso vai ter daqui a cinco dez anos. Como é que isso vai ter... Acho importante que a gente deixe registrado, é uma experiência que deu certo, que está dando certo, [tosse].

S.G. – Se amplia cada vez mais.

S.B. – Cada vez a gente tem aumentado o número de beneficiados, e que a gente espera que não seja esquecida. A gente sempre precisa do orçamento para fazer e espera que esse orçamento sempre aumente, e para isso é importante que se tenha as coisas registradas, ter a memória das coisas, para poder apresentar para os novos gestores, é importante.

S.G. – Um dos objetivos do projeto é isso de preservar uma memória de uma política pública, que está demonstrando força, potência. Eu queria te agradecer, obrigada pela entrevista.

S.B. – Obrigada a vocês pelo projeto.

[FINAL DO DEPOIMENTO]